

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porto
Anno ou 24 numeros	25000	Trimestre ou 6 numeros
Semestre ou 12 numeros	12500	N.º avulso ou pago á entrega
ESTRANGEIRO		
Anno ou 24 numeros	35000	Semestre ou 12 numeros

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 9

1 DE MAIO 1878.

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, Rua do Loreto, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

COMMISSARIOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO DE PARIS DE 1878



VISCONDE DE VILLA MAIOR
(Commissario geral)



JOÃO IGNACIO FERREIRA LAPA
(Commissario da secção agricola)



ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR
(Commissario da secção industrial)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Os últimos amores de Goethe, por D. MARIA AMALIA VAS DE CARVALHO — Satyras e elegias, por BULHÃO PATO — As nossas gravuras — A princesa D. Maria Francisca Benedicta, filha de D. José I, por FRANCISCO HENRIQUES — Merina, por CESARIO VERDE — Brio-a-brac — Gabriel, por CHRISTOVAM AYRES.

GRAVURAS. — Os commissarios portuguezes na exposição de Paris de 1875 — Margens da ribeira Agua-lá, na provincia de S. Thomé e Príncipe — Miss Leona Daró e os seus exercicios acrobaticos — Asilo dos invalides militares em Runa — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Maio, coroado de rosas, com um bouquet de boninas ao peito, acaba agora de chegar. Vem exactamente o mesmo do anno passado, e mostra-se extremamente satisfeito por não encontrar alteração sensível nos sentimentos e nos costumes publicos.

Depara com os mesmos trovadores sentados á margem dos jornaes litterarios e á beira do Chiado, de lyra pousada no joelho e de bengala debaixo do braço, desferindo á viração da tarde um hymno de louvor aos olhos azues das virgens melancolicas que passam a fazer compras. Encontra os mesmos sujeitos, discutindo com os mesmos gestos, os mesmos assumptos, na casa Havaneza; encontra o mesmo deficit florescendo e as mesmas arvores desfilando, e sobre tudo isto, a mais, a opera comica em S. Carlos — e quasi a mesma cousa em S. Bento.

Todavia não devemos erer que o doce maio, o nosso querido amigo, o bello maio dos junquillos e das papoulas, nutra a desenfreada ambição d'encontrar, aqui, n'este retirado e pacato abrigo do mundo, n'este genuino *Retiro dos pacatos* da Europa, commoções fortes e impressões violentas. Se as quizesse, de certo não vinha para cá. Tinha-as por exemplo no Oriente, donde talvez em breve vão ao mesmo tempo rebentar os torpedos e as rosas, ao passo que os formidaveis couraçados inglezes, balouçando-se no Bosphoro, se preparam para imprimir com as suas angelicas bocas de bronze os mais effusivos beijos de cem toneladas, na pallida face da Russia.

E vêr-se-ha o sr. de Bismark chorando de satisfação, cheio de intimo jubilo, contemplar este candido idyllio da dynamite e do aço, debaixo do seu capacete de couraceiro, esperando occasião opportuna para soltar um d'esses canticos profundos que a nova musa de Krup só costuma inspirar aos que não acreditam somente no *Jámais! Nunca! Não!* como machinas de guerra capazes de deterem nas fronteiras a marcha do invasor, ainda que se dê o caso extremo de tão energicas negativas serem acompanhadas, cada uma de per si, com o hymno da restauração trovejado em cem zabumbas.

Ora maio que chegou é porque naturalmente gosta do perfume da madressilva que se respira na cidade. (Aventuremos esta hypothese para agradar á municipalidade). Sejamos discretos não lhe pedindo outras explicações d'esta predilecção que o faz n'este ponto parecer um tanto com madame Ratazzi.

Em todo o caso tenho pena que maio não chegasse ha duas semanas, porque o queria acompanhar na peregrinação aos varios templos entre os quaes borboleteou o *chic* catholico da capital tres dias e tres noites, — de S. Domingos para a Magdalena, do Castellar para os Martyres, da Ultramarina para o Loreto, — n'uma elegante e mystica confusão de psalms com pastilhas de chocolate, de lamentações com amendoas torradas, confundindo na mesma cartonagem o livro d'orações, o bilhete perfumado, e a crenga no Todo Poderoso e no Baltresqui como criador das melhores pastilhas do ceu e da terra!

Se tem vindo mais cedo, palavra que o convidava para ir commigo á Encarnação vêr a alleluia; uma festa esplendida cheia de canarios e de sorrisos como poucas vezes se tem presenciado!

Assim, já que chegou depois dos acontecimentos, tem de se contentar com a pallida narrativa dos successos, feita com a ingenua singeleza d'uma alma candida de mais para se deixar levar pela perfidia dos confeiteiros que nos ultimos dias avassalaram a gulodice da cidade, aproveitando-se das suas crengas tradicionais para lhe inculcarem no intimo d'alma o veneno corrosivo da dyspepsia.

— Em D. Maria II, deu-se em beneficio da actriz Virginia, *A oração dos naufragos*, em que se chora muito e em que se ora tambem alguma cousa. O gracioso talento de Virginia, esse ingenuo e meigo talento, tão finissimo e tão delicado, é que se continuou a mostrar extremamente grande n'esta peça. Virginia é a derradeira ingenua do theatro portuguez, de que a sr.^a Emilia das Neves foi a ultima tragica. Felizmente a graciosa actriz ainda tem aberto diante de si um futuro de triumphos, allás, se á maneira da sr.^a Emilia, tivesse já nas suas malas pegado com massa o distico da estação para onde vão descansar as grandes celebridades — COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO DO GENIO — *Gloria*; — se assim fosse, eu descreveria dos destinos d'esse pobre theatro portuguez que por ali arrasta a sua atribulada vida, e que então, para maior castigo ainda, teria d'andar com uma lanterna por todos os palcos da cidade, á maneira d'um Diogenes-empresario, em busca d'uma appareção que fosse capaz de ter lagrimas na voz, d'uma mulher que podesse ser creanca, d'uma visão que fosse capaz de ser mulher!

Ora Virginia nasceu, foi educada e sobretudo um pouco fadada para isto, e eis aqui o segredo das suas criações tão naturaes, da sua graça tão simples, da sua ingenuidade tão candida.

— Em D. Maria II, no salão nobre, teve tambem logar a represen-

tação d'uma fina comedia culinaria em vinte e tantos pratos, com um epilogo de *champagne* e de discursos, composta por um Vatel celebre, de collaboração com varios homens de letras, e representada, comida e paga pelos mesmos, em homenagem a uma estrangeira distincta. Sobre a contestura e a idéa da peça divergiram as opiniões dos criticos, em todo o caso parece ter agradado á illustre dama em homenagem de quem foi composta, e em honra da qual os auctores tiveram a coragem de a engulir cheios de nobre dedicacão.

É sempre triste para um auctor ter d'engulir as proprias filhas da sua phantasia, salvo o caso da sua phantasia ter produzido *pañon truffé e fois gras*.

N'este caso, unico e restricto, é admissivel o sacrificio.

— A *Chronica* não offerece dimensões sufficientemente largas para mencionar o deslumbramento da *Viagem á lua*, na Trindade, e fallar dos ultimos successos da opera comica em S. Carlos, mas seria imperdoavel esquecer a representacão de que Lisboa se occupou durante oito dias e que teve logar por extrema amabilidade de madame Ratazzi, em obsequio aos seus admiradores e idolatras, nas salas do Hotel Central.

Madame Ratazzi escolhera intencionalmente para esta noite, além d'um proverbio devido á sua elegante penna, um fragmento do seu drama o *Canto do cysne*. Este titulo melancolico, na vespera da partida, devia ser comprehendido pelas almas dedicadas, que ainda uma vez assistiam aos festins da illustre estrangeira. Pela vez primeira o sr. duque d'Avila e Bolama correu a ouvir o canto sentimental de tão triste ave, e devemos acreditar que o fez em homenagem aos seus principios politicos, porque s. ex.^a, como conservador que é, tem inteira obrigacão não só d'acreditar no canto dos cysnes mas tambem o dever de manter estes passaros melancolicos na plena e exclusiva regalia de tão commovedor privilegio.

Foi este decerto o motivo que levou s. ex.^a ás salas do Hotel Central, allás não se comprehenderia que o sr. duque d'Avila, o espelho e o exemplo da sociedade portugueza, transpuzesse os umbraes d'uma porta em que a virtude da capital parece ter visto escripta a terrivel legenda do inferno, segundo a edição preciosissima do Dante.

Ou então, se o sr. duque d'Avila se enrolou na amplitude da sua gravata constitucional-abretanhada, inteiramente por *chic* mundano, por querer ser amavel e galanteador para com uma dama de tanto espirito como de poucos preconceitos, n'esse caso s. ex.^a divorciou-se da opinião e da virtude semi-official do seu paiz — da virtude de trazer na rua, pelo menos, — e começa a deixar vêr a cauda diabolica da libertinagem, apparecendo, juntamente com a da casaca, por baixo do seu *pardessus* catholico-liberal.

O que é certo é que o sr. duque d'Avila e Bolama assistiu cheio de satisfacão á representacão de madame Ratazzi, saindo plenamente convencido de que n'este paiz não torna a haver outra representacão que dê mais que fallar, a não ser naturalmente a que os povos não fazem contra o imposto do consumo.

E com o *Canto do cysne*, suspiro em cinco actos, solado depois d'um jantar que deve ficar memoravel nos fastos culinarios do paiz, acabou por este anno a *villigatura* de madame Ratazzi n'este jardim da Europa, donde infelizmente não floresce só a laranja.

Que bellissimos negocios havia, por exemplo, a encetar entre nós, se a Europa precisasse para consumo, além das caixas de laranja, de algumas partidas de tolice publica!

Infelizmente parece que em toda a parte abunda este genero no mercado, dando-se egualmente bem em todas as regiões.

Em todo o caso n'este ponto sejamos patriotas extremos. A nossa é de excellente qualidade: tem a pelle pouco fina, mas é muito sumarenta.

— Uma nova que deve encher de jubilo o mundo sentimental. Acabou a *Guerra do Paraso*; a contenda entre a velha e a nova musa, que chegou a fazer desmaiar de susto muitos pianos portuguezes, e que, insignificante como foi, passou como uma *avalanche* de cavallaria sobre a prosodia nacional, deixando talados os campos verdejantes aonde o sr. Alves de Sousa apascenta os seus rebanhos e o sr. conselheiro Viale, vestido de Fauno, passeia ha meio seculo tangendo na sua franta pastoril.

Ha quem supponha tudo uma mystificacão, e quem affirme serem duas musas falsificadas as que vieram ha pouco medir as armas, esquecendo-se de medir os versos, na arena do noticiario.

E na verdade, se considerarmos bem, havemos de nos convencer de que a musa velha está realmente muito combalida para se metter em brigas, coltada!

Como um Prometheu invalido, chumbado pelo rheumatismo ao peneo da recitaçao, já não ha estímulos que a galvanisem, e só lhe resta pedir ás côrtes melhora de reforma, em consequencia do sexo a impedir de entrar para a associaçao dos veteranos da liberdade!

Em quanto á musa nova, essa realmente seria pouco generosa se viesse para a rua bater n'uma anciã, ou esgrimir nas praças publicas com uma sombra. Foi portanto talvez a Musa Nova-Junior, a filhinha primogenita, que se deu a essa vangloria, porque a pequena enfim é *coquette* e vai estando um bocadinho contaminada pelo *phyloxera*: da devassidão, costumando já pintar os olhos de *bistre* e carregar as faces de *poudre de riz*.

Menina, isso não são modos! É preciso mais proposito, senão, d'aqui a pouco, está tão viciosa como aquelle senhor que ali está de bandolina, a tanger bandolim á luz da lua!

— Agora, maio, depois de eu conversar um bocadinho contigo, não me fasses com a tua velha rhetorica: — deixa-te de trovoadas.

OS ÚLTIMOS AMORES DE GOETHE

V

Goethe, o grande poeta alemão, merece ser collocado ao pé dos mais eminentes naturalistas philosophicos do seculo.

O seu espirito não pertencia ao numero dos que observam os pormenores, dos que analysam minudente, e de deducção em deducção attingem o segredo das mais mysteriosas leis; é outro o seu modo de proceder; vê de mais alto, a indução é o seu systema; adivinha a lei geral, os resultados que d'ella derivam agrupam-se harmonicamente e naturalmente em torno da sua descoberta.

Goethe não alcançou talvez resultados praticos, que n'estes ramos illustrem o seu trabalho; fez porém muito mais do que isso; abriu o caminho aos que vieram depois d'elle, preparou muitos dos progressos que hoje nos espantam na sciencia da natureza, foi um d'esses homens que vão adiante do seu tempo, e que accendem a luz que tem de alumiar outros seculos.

Nunca chegaremos a accentuar demasiadamente quanto n'este espirito singular, a universalidade da comprehensão pôde supprir a sympathia creadora.

Cousa alguma o attrahe principalmente, mas todas o interessam. Não sente, mas sabe dar a todos os sentimentos uma expressão plastica.

É a sagrada intelligencia pairando sobre todas as cousas, apreciando-as sob os seus varios aspectos, entrando flexivelmente em todos os moldes, recebendo todas as impressões, e organisando-as e submetendo-as ás condições da razão e da harmonia, estudando com a mesma attenção as leis mais simples, e os phenomenos mais complexos, vendo á mesma luz o movimento harmonico das esferas e o vegetar da planta, estranho ás perturbações moraes, ás catastrophes sociaes e ás dores humanas, e exercendo a sua acção n'uma esfera serena, superior, inacessivel, quasi divina.

O aspecto physico de Goethe correspondia plenamente a esta idéa. Moço, lembrava já um filho dos deuses, como orgulhosamente dizia sua mãe. A qualidade humana attingira n'elle bem cedo todo o seu viril desenvolvimento.

Se a alma era digna de partilhar os puros extasis de Platão, o bello animal soberbo e florescente, parecia feito para os exercicios do gymnasium, para as luctas ao ar livre, para as grandiosas inspirações da antiga estatuaría.

Mais tarde a serena magestade inviolavel accentuou-se-lhe d'um modo caracteristico, na expressiva physionomia de luctador depois da victoria.

Tinha a fronte vasta e arqueada, os sobr'olhos energicamente traçados, o nariz aquilino, os labios franzidos pela ironia silenciosa da meditação.

Os olhos grandes, sem extraordinario brilho, tinham ainda mais do que a perspicacia instantanea do olhar, a faculdade de se apropriarem dos objectos, e de os penetrarem interiormente com lucidez singular. Era o olhar do observador e do artista, que tem o dom de fazer penetrar em si o espirito e a forma das cousas externas.

Por sobre tudo isto uma grande expressão de força e de tranquillidade magestade.

Nada incorrecto ou desmanchado. Goethe está sempre servindo de modelo á posteridade. Ninguem o surprehende n'aquellas pequenas familiaridades sympathicas, que permittem ao biographo dar um traço mais accentuado ou caracteristico no desenho do seu heroe.

Ridiculos ou fraquezas, se as tem, fundem-se no tom uniforme do conjunto.

Os que o tinham comparado na adolescencia, ao victorioso Apolo, compararam-no na velhice ao magestoso Jupiter. A idéa de Goethe anda sempre associada á memoria dos deuses. Indicio do elemento divino que n'elle predomina, ou talvez da grande tendencia pagã que n'elle transparece.

Um dia classificava alguém a sua expressão como a d'um homem que padecia bastante.

— Não; diga antes que luctou bastante; — acudiu Goethe corrigindo a phrase.

Foi talvez essa expressão dolorosamente triumphante que na physionomia de Goethe captivou Napoleão, e lhe mereceu a famosa e tão citada phrase de conquistador das nações, ao conquistador do Pensamento: — *Vous êtes un homme, monsieur Goethe!*

Um escriptor que foi a muitos respeitoes o seu contraste, a quem faltam muitas das faculdades que elle possui, em quem superabundam muitas das que lhe faltam, o mais estranho producto, porventura, d'aquella Germania tão rica em genios originaes, uma especie de Rabelais sentimental, de trauço lyrico, de entusiasta allucinado, um phantasia do *humour*, João Paulo Richter emfim, dá-nos n'esta pintura rapida, uma idéa muito mais completa do que nós logariamos dar, do Goethe que tentamos fazer comprehender ás leitoras portuguezas.

— «Goethe parece-se com Deus, o qual, segundo affirma Pope, dá tanta attenção á queda d'um mundo como á d'um passarinho. Ora como o nosso Goethe não fez nem um nem outro, esta bella indifferença pouco lhe ha de custar.

Depois da verdade é que elle se compraz na sua apathia pelas dores alheias. — Elle, sempre elle! N'este mundo não sabe admirar mais nada. A sua palavra é de gelo, mesmo para os estrangeiros, que de

todas as bandas o veem ver, e que só se lhe aproximam com muita difficuldade. Tem em si alguma cousa de impassivel e de soberanamente ceremonioso. O amor das obras d'arte¹ é hoje o unico que actua nas mollas d'aquelle coração. Andei mal em não pedir á pessoa que me apresentou, o obsequio de me introduzir previamente n'uma fonte mineral, d'esse modo podia apparecer a Goethe sob o aspecto de estatua, o que me dava a certeza de ser recebido com prazer.

A vista do que me haviam dito, fui a casa d'elle sem grande empenho, movido unicamente pela curiosidade.

A casa em que habita feriu-me immensamente. Em Weimar, é a unica construida no gosto italiano. Imagine-se desde o vestibulo um pantheon de deuses de marmore, de quadros, de estatuas.

A gente começa logo por sentir suffocações e calafrios.

Por fim apparece o Deus frio, monosyllabico, indifferente.

A physionomia de Goethe tem potencia e animação. O olhar é um relampago.

Depois de alguns momentos de conversação condescendeu em lêr-nos o fragmento magifico d'um poema inedito. Quando digo que o leu engano-me, a verdade é que o declamou, que o representou.

Nunca até ali tinha ouvido cousa igual. Os seus versos ora trovavam como o raio nas alturas, ora tinham aquelle susurro indefinivel da chuva na folhagem das arvores. Durante este tempo a chamma irrompia como a lava volcanica atravez das camadas de gelo em que se envolve aquelle coração.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

SATYRAS E ELEGIAS

NA BOA-HORA²

(A FREITAS D'OLIVEIRA)

Entrámos os umbraes do templo da justiça.
As paredes... o chão... a luz sempre mortifica...
Que templo em Portugal! — parece uma enxovia;
Ali ao trivial a sordidez se allia.
Nada que infunda em nós nem sombra de respeito.
Sobre o banco dos reus — alvorotado o peito,
O olhar timido, vago, e pouco intelligente,
Assentava-se um reu, ainda adolescente.
Servira n'um padeiro. Ao padeiro, talvez,
Ninguem leve a melhor, em pontos de honradez,
A não ser o tendeiro — o grande cidadão!!
Havia muito, pois, que estava na prisão
O moço delinquente. A coisa era gravissima:
Roubara ao seu patrão, pessoa meritissima,
Cerca d'uns tres mil réis! — Fallou o delegado,
E deixou entrever que o pobre desgraçado,
Que praticara o crime, inda, talvez, podia
Entrar em bom caminho e redimir-se um dia.
Homem recto, o juiz, e ao mesmo tempo humano,
Fez sentir que o rapaz, já preso havia um anno,
— Olhando ao seu passado e olhando á sua cidade —
Se podia julgar com certa lenidade.
Tudo isto foi em vão. O jury, n'esse dia,
Representava a flôr da ranço-burguezia:
Gente limpa, abastada, e séria e previdente.
Um jornalista pobre havia lá sómente;
Esse implorou, bradou... em prol do miseravel;
Foi bradar no deserto. O jury era implacavel.
— « Houve abuso: pois bem, zelemos a fazenda. »
Clamava, enfurecido, o dono d'uma tenda
Modelo de honradez em dar o peso exacto. —
« Provemos a aggravante; aqui julga-se o facto. »
Em se provando o abuso... A lei não tem clemencia,
Podia tel-a o jury — a n'elle haver consciencia!
Para a Africa o reu. Depois de se ouvir ler
A sentença cruel, um grito de mulher...
Um soluço, um gemido, uma cousa mortal,
A tragedia n'um — ai! soou no tribunal.
Era a mãe do rapaz. Aquelle bom padeiro,
Perseguidor do reu, e o rispido tendeiro,
Onde ella ia comprar, alguma vez fiado,
Em premio do favor, pesavam-lhe roubado.

.....
Chegando as eleições — a pouco tempo d'isto —
Apanhou cada um seu habito de Christo.

BELLÃO PATO.

¹ E devia acrescentar, das cousas da natureza. É esta, se pôde bem dizer, a unica amante de Goethe, a que elle quiz possuir com apaixonada tenacidade, e o que é mais, aquella que tambem o possuiu completamente.

² Esta composição pertence a um estudo que o autor está fazendo sobre os dramas do nosso tribunal, dramas a que tem accedido, muitas vezes, como jurado.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS COMMISSARIOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

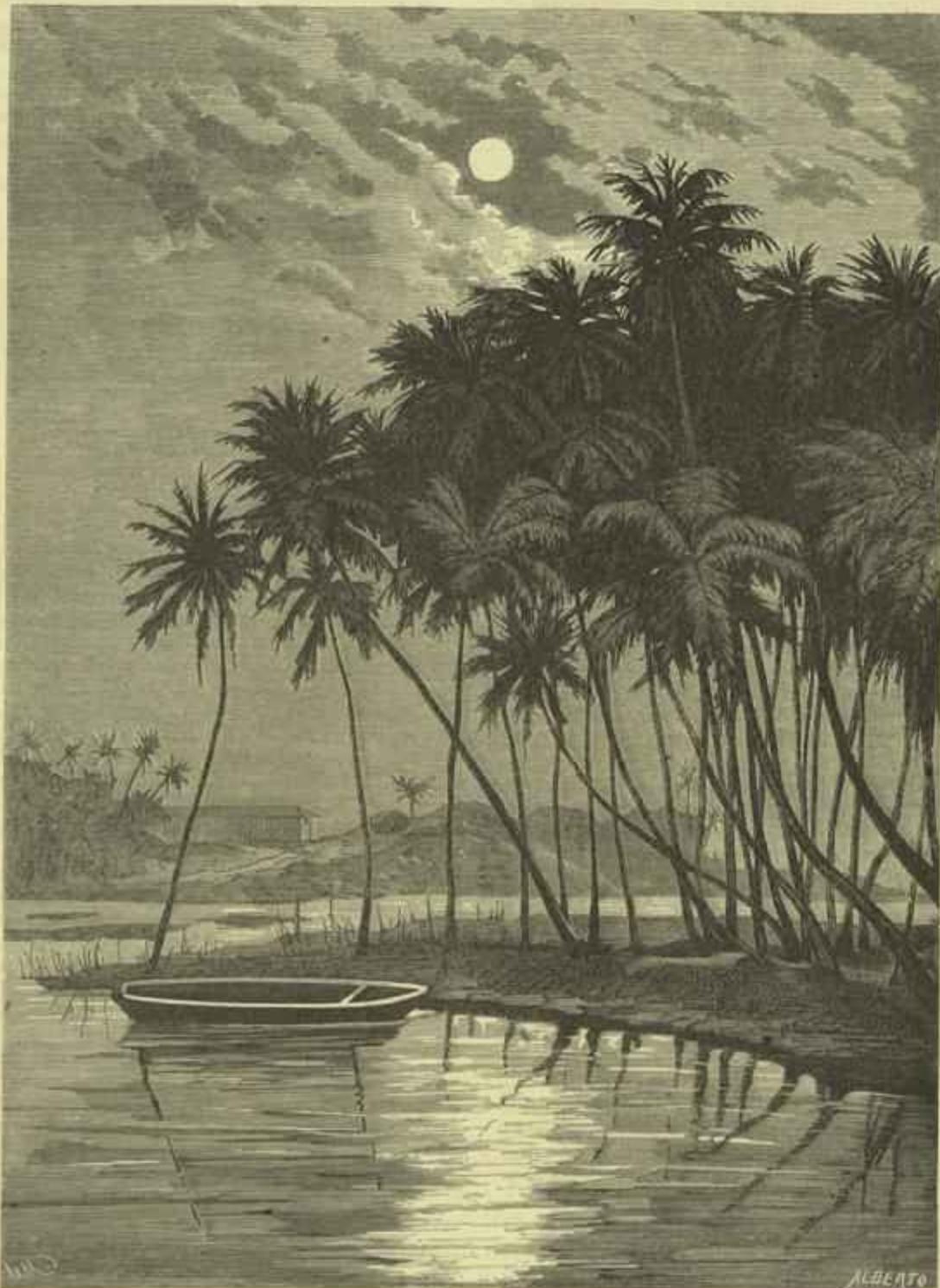
São bem conhecidos os nomes dos tres homens distinctos que hoje damos na nossa primeira pagina, para nos dispensarmos de dizer muito d'elles aos nossos leitores.

O sr. visconde de Villa Maior, antigo e distincto professor, e actualmente reitor da Universidade, é o nosso commissario regio junto da

exposição de Paris; o sr. Antonio Augusto d'Aguiar e João Ignacio Ferreira Lapa, igualmente professores eminentes, são os dois commissarios especiaes, um da secção industrial, outro da secção agricola, no grandioso certamen a que n'este momento é chamada a civilização na capital da França.

N'este momento deviamos dar os retratos dos tres portuguezes benemeritos e illustres que receberam o encargo de nos representar n'esta magnificente festa do progresso. Depois faremos a diligencia, obedecendo sempre ao pensamento de imprimir a esta publicação um caracter genuinamente nacional, por dar o pavilhão portuguez, ou qualquer outros

AFRICA PORTUGUEZA



MARGENS DA RIBEIRA AGUA-IZÉ, NA PROVINCIA DE S. THOMÉ E PRINCIPE

(Desenho de M. de Macedo, segundo uma photographia)

desenhos que se relacionem com a nossa secção na exposição de Paris.

A biographia e os serviços, ao paiz e á sciencia, dos tres professores illustres representados na primeira pagina, esses é escusado memorá-los porque estão de ha muito gravados na memoria de todos os que leem, que pensam, e que se interessam pelas nossas cousas.

Teremos ainda occasião de nos referir a elles, quando tratarmos da Exposição e da fórma porque a nossa arte e a nossa industria vão ser ali representadas.

MARGENS DA RIBEIRA AGUA-IZÉ, NA PROVINCIA DE S. THOMÉ E PRINCIPE

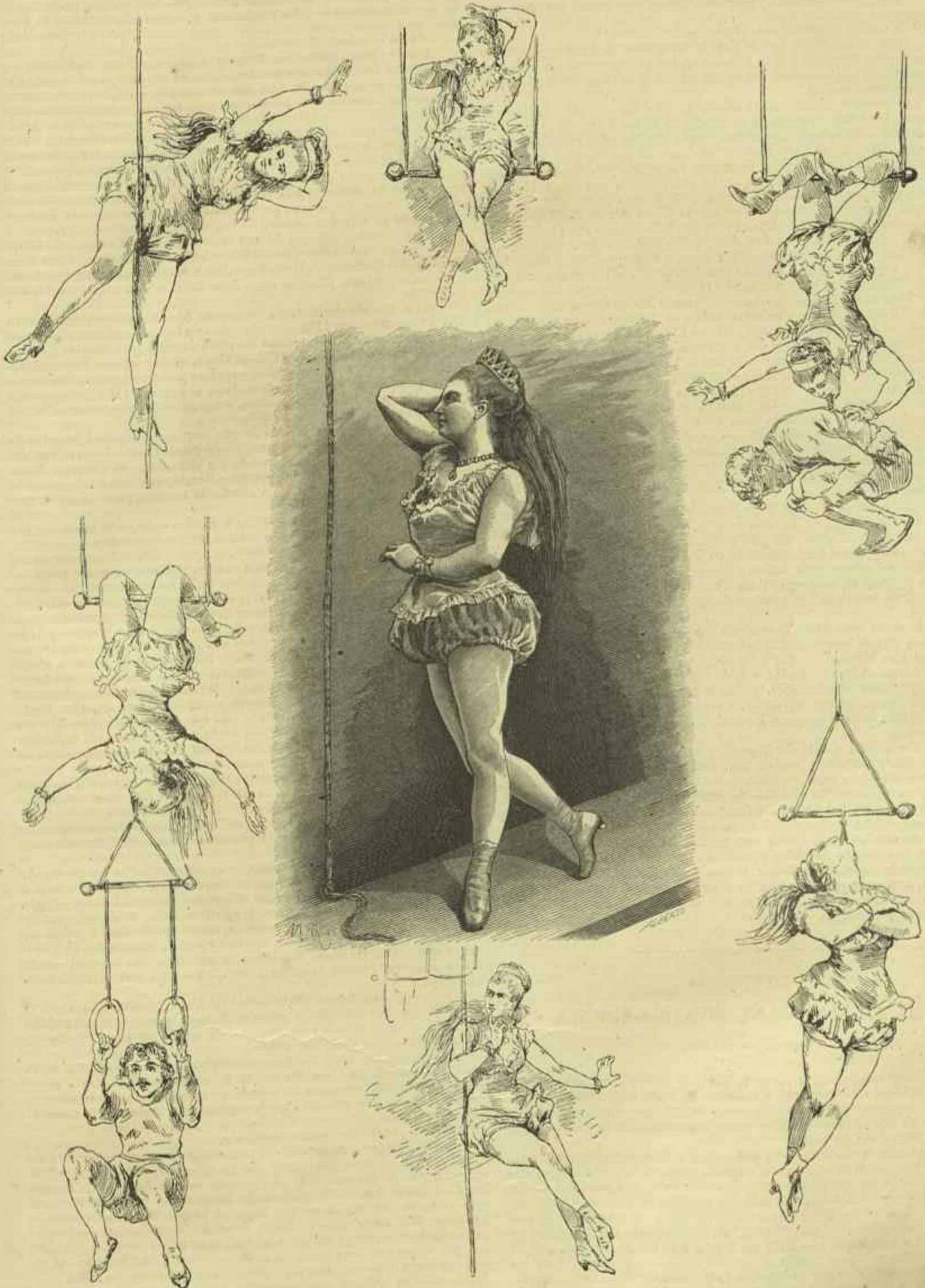
Esta pittoresca ribeira, na encosta-leste das montanhas que formam a ilha de S. Thomé, vae desaguar n'uma estreita bahia que pelo seu

pouco fundo só dá accesso a pequenas embarcações de pesca, ou outras de lotação inferior.

As margens d'esta ribeira são povoadas de extensas plantações de café e d'algodão, constituindo uma riquissima propriedade agricola, d'onde proveio o titulo de barão a um intelligente cultivador africano, que pelos seus incessantes e bem dirigidos esforços tornou esta região uma das mais bellas e productivas de toda a ilha.

Sempre que tiver ensejo o OCCIDENTE procurará traduzir pela gravura alguma d'essas formosas paisagens das nossas colonias, aonde as ha tão cheias de magestade e ao mesmo tempo tão pittorescas como aquella que hoje se apresenta aos nossos olhos, assim, com os seus effeitos de luar e as suas palmeiras gigantescas reflectindo-se nas aguas, tão impregnada d'essa agreste e selvatica poesia que se respira nas vastas regiões africanas.

THEATRO DOS RECREIOS WHYTTOINE



MISS LEONA DARÉ E OS SEUS EXERCÍCIOS ACROBÁTICOS

MISS LEONA DARÉ

O OCCIDENTE deseja ser fiel ao seu programma. Quer a celebridade do dia seja um pontífice, quer um funambulo, desde que uma circumstancia qualquer a põe em evidencia, apressa-se a dar-lhe um lugar na sua galeria multiforme e pittoresca.

Miss Leona Daré, que o publico de Lisboa acaba d'applaudir no theatro dos Recreios, é uma d'essas celebridades ruidosas que tem conquistado os applausos de todo o mundo, e a consagração de todas as *Illustrações* europeas.

O caracter distinctivo do talento de miss Leona é de se conservar sempre feminino, executando os prodigios de força muscular mais inverosímeis. Como essas apparções aereas criadas pelas imaginações ardentes, unicamente para fluctuar nas nuvens, Leona Daré parece ter nascido para voar nos giros descriptos no espaço pelo trapesio, e ousaríamos chamar-lhe a *filha do ar*, se realmente a sua graça felina de creoula, as suas olympicas e esculpturaes formas de mulher não estivessem protestando contra a significação d'esta flôr de rhetorica, indicando-nos antes que Leona Daré pertence felizmente á terra aonde, pelo menos todas as noites, ao som dolente dos violinos, desce por intermedio d'uma corda de seda estendida desde o Olympo... até á platéa!

E n'esta descensão, quando ella illuminada a luz electrica; escorrega mansamente, contorcendo-se em voltas de serpente, nas espiraes do effeito mais lubrico, ao longo d'aquelle fio suspenso das alturas, Leona Daré dá idéa do anjo rebelado que, precipitado do Olympo, só agora, no mez d'abril, acertou cair em Lisboa na floresta dos Recreios!

Depois dos volteios e dos exercicios de força muscular mais prodigiosos, era necessario que miss Leona Daré inventasse um *tour* qualquer que fosse por assim dizer a ultima palavra na arte do funambulismo. Assim o fez. O seu grande e novo poder achou-a na magnifica e graciosa fleira de dentes que mostra ao publico n'um sorriso, e com os quaes depois, segurando uma haste de *contchon* que termina por um gancho, se suspende solta, no ar, do trapesio, executando nas alturas um giro vertiginoso que entonetece os espectadores e que ella finalisa com o sorriso mais gracioso, exactamente como se fosse a mesma coisa para ella suspender-se a si propria e suspender uma rosa pelos dentes.

Mas como se isto não fosse bastante, miss Leona depois de concertar nas alturas o seu formoso cabello, de o pregar melhor entre seu diadema de brilhantes, fazendo assim, á maneira americana, um *hocadinho de toilette*, na intimidade do publico, suspende-se pelos pés e, voltada de cabeça para baixo, segura nos dentes um novo trapesio, sobre o qual se arremega n'um vôo, desde o fundo do theatro, um funambulo muito menos gracioso do que ella, mas de certo muito mais pesado.

É ainda este triste funambulo que os dentes de miss Leona suspendem depois transversalmente pela cintura, fazendo-o descrever no ar um giro infernal de que o infeliz sae pouco mais ou menos morto. Miss Leona então, ao findar o trabalho, olhando o desgraçado com a mais profunda consternação, pega-lhe pela cinta com dois dedos, sem o mais ligeiro esforço apparente, e senta-o no trapesio com a graciosa indifferença, com o desprezo theatral mais encantador e mais artistico do mundo.

Miss Leona, a fada do trapesio, é americana, natural da Louiziana, e tem vinte e tres annos, sim, vinte e tres annos, a idade viril, a idade da força para as realezas da corda, e apenas a *primavera da vida* para os outros funambulos do genio!

A elegancia das formas, a dextreza, o poder incomprehensivel dos seus pequeninos dentes, dirigidos pela sciencia e pela industria americana, fizeram de miss Leona uma verdadeira celebridade contemporanea. O publico dos Recreios quando a applaudiu, não applaudiu uma vulgaridade, festejou simplesmente uma *yankee* illustre, uma filha d'esse mundo extraordinario que idealisa a força na pessoa d'esta semi-densa, e abre um novo horizonte á applicação dos dentes, na exposição d'este interessante fenomeno.

A PRINCEZA

D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA

FILHA DE D. JOSÉ I

É bem sympathica a memoria que nos deixou essa formosa filha do rei D. José I de Portugal, a princeza D. Maria Francisca Benedicta, que assignalou a sua passagem n'este mundo por uma fundação tão util, como é o caridoso instituto aonde são recolhidos os velhos e mutilados defensores da patria.

Destinada a partilhar com seu esposo o throno de Portugal, uma doença prematura lhe roubou o adorado consorte, que era o alvo das esperanças de muitos portuguezes; morte funesta, que para mal d'estes reinos fez passar o sceptro ás mãos do principe D. João, que foi depois o rei D. João VI, de triste memoria. Tão lamentavel acontecimento despertou, na saudosa princeza viuva, a luminosa idéa de implantar em Portugal a instituição que Luiz XIV havia fundado em França, o asylo de invalidos militares, aonde encontram amparo e protecção esses venerandos restos viventes das glorias portuguezas.

Nasceu D. Maria Francisca Benedicta em Lisboa, a 25 de julho de

1746. Foi a quarta e ultima filha do matrimonio do rei D. José I de Portugal, com a rainha D. Marianna Victoria de Bourbon, consorcio do qual só houve fructos do sexo feminino. Foi baptisada, a 10 de Agosto do mesmo anno, na basilica patriarchal pelo cardinal patriarcha D. Thomaz de Almeida, sendo padrinho o papa Benedicto XIV, representado por seu tio o infante D. Pedro.

Era D. Maria Benedicta formosa e gentil, de um espirito vivo e com grande facilidade de aprender, tanto as linguas como as sciencias e artes liberaes. O rei D. José era muito dado á musica; elle mesmo estabeleceu o theatro real, para o qual mandou vir os melhores cantores de Italia, paiz que então, como hoje, fornecia o maior numero de artistas lyricos para todos os theatros da Europa. O celebre maestro David Perez, expressamente contratado pelo rei D. José para vir a Portugal, teve tambem a missão de ministrar ás infantas as noções musicaes. Foi D. Maria Benedicta digna discipula de tão proficiente maestro. Grande era o amor da princeza pela musica, e esse gosto prolongou-se até bem avançada idade. Já passava de oitenta annos e ainda gostava de tocar piano, cantar e recitar versos. Não menor apreço dava a princeza á pintura e desenho, em que foi seu mestre Joaquim Carneiro da Silva. Chegaram até aos nossos dias varios trabalhos artisticos da ultima filha de D. José I. Conhecia D. Maria Benedicta as linguas ingleza, hespanhola, franceza e italiana, fallando estas duas ultimas com muita correção e facilidade.

Foi o reinado de D. José I uma epoca de paz. Apenas houve guerra com a Hespanha, em 1762, por não querer o famoso ministro o marquez de Pombal, ceder ás instancias do reino vizinho para romper as hostilidades com a Inglaterra. Os hespanhoes, que invadiram Portugal, foram, depois de varias peripecias, expulsos pelos portuguezes commandados pelo conde de Lippe, fazendo-se a paz em 1763, recuperando Portugal a colonia do Sacramento, e sendo restituídas todas as terras que os hespanhoes haviam tomado.

Durante esse longo periodo de paz, em que o vigoroso impulso do forte e illustrado governo do marquez de Pombal tanto desenvolveu em Portugal a agricultura, o commercio e a industria, não faltaram festas na côrte de Lisboa, que de taciturna e devota, que tinha sido nos ultimos annos do reinado de João V, se havia tornado mais alegre e animada.

Em 1753 fez D. José construir o theatro regio, nos paços da Ribeira, por João Carlos Bildeira, o mesmo architecto que depois construiu os theatros dos palacios de Salvaterra e Ajuda. Era então grande moda a opera lyrica. Era tal o gosto pela musica italiana no seculo passado, que por toda a Europa reis e principes tinham theatros em que se representavam operas no idioma do Tasso. Os proprios maestros allemães se viram arrastados a escrever sobre librettos italianos; a grande opera *D. João*, de Mozart, representada pela primeira vez em Praga, a 4 de novembro de 1787, foi escripta sobre um libretto do abbe Da Ponte.

Como quasi sempre tem succedido, Portugal seguiu tambem n'este assumpto a moda importada do estrangeiro. Para o theatro regio mandou D. José I escripturar uma magnifica companhia lyrica italiana, em que figurava o celebre *Caffarelli*, juntamente com *Giziello*, *Raaff*, *Manzudi*, *Balbi*, etc., tudo homens, pois que então não representavam mulheres sobre o palco scenico; os sopranos eram *castrati*. O famoso Caffarelli ganhava nada menos de 72:000 francos annualmente, ou proximoamente 13:000\$000 réis, como cantor da real camara. Para o theatro regio escreveu expressamente David Perez a opera *Alessandro nell'Indie*, que foi á scena em 31 de março de 1755, para solemnisar o anniversario natalicio da rainha D. Marianna Victoria de Bourbon, esposa do monarcha. Sete mezes depois era o grande theatro sepultado com todo o palacio nas ruinas do grande terremoto de 1 de novembro de 1755.

Depois d'este cataclysmo deram-se as representações no theatro de Salvaterra e no do palacio de Ajuda, construido de madeira a toda a pressa para a familia real, depois da grande catastrophe que affligiu Lisboa. Além das operas lyricas, frequentes vezes se deram no paço oratorias e serenatas, tanto durante o tempo de D. José I, como no reinado de sua filha D. Maria I, tomando parte n'essas festas as infantas, e entre ellas D. Maria Benedicta. A melodiosa voz e sentido canto d'esta princeza, fizeram as delicias dos *dilettanti* da côrte durante muitos annos.

Tinha já completado trinta annos D. Maria Benedicta, quando se desposou com seu sobrinho o principe D. José, primogenito da rainha D. Maria I, então princeza do Brazil, e de seu tio paterno D. Pedro III, então ainda com o titulo de infante.

O principe D. José, herdeiro presumptivo da corôa, tinha então apenas 16 annos, pois nascêra em 21 de agosto de 1761. Era o joven noivo da princeza um moço de talento e instruido, muito versado nas cousas militares, de que era grande entusiasta. Character rijo e nobre, era presado pelo povo, que n'elle depositava as maiores esperanças, que as suas boas qualidades muito justificavam.

Desde a mais tenra infancia o principe D. José sentiu por sua tia muito decidida e terna sympathia, que breve se converteu em respeitosa amizade, que ao desportar da adolescencia se transformou em intenso amor. A nobre paixão do mallogrado herdeiro da corôa de Portugal pela princeza sua tia passou por todas as phases dos mais bellos sentimentos. Não sabemos se D. Maria Benedicta correspondeu com equivalente affecto ao amor de seu sobrinho; mas o que consta é que sempre lhe dispensou uma terna amizade, e não foi indifferente aos requebros d'um principe, que pela idade quasi podia ser seu filho.

A politica não só não contrariou estas affeições, mas até o rei D. José I julgou muito vantajoso aquelle enlace, e tres dias antes de

morrer, em 21 de fevereiro de 1777, ligou pelo matrimonio o herdeiro presumptivo da corôa, o príncipe D. José seu neto, com sua filha mais nova a princeza D. Maria Benedicta. Por morte de D. José, sucedida a 24 do mesmo mez, subiu ao throno sua filha a rainha D. Maria I; o seu primogenito, o esposo de D. Maria Benedicta, tomou então o titulo de príncipe do Brazil.

Onze annos de prosperidade tiveram os príncipes do Brazil. Durante este tempo, D. José pôde libar na taça do amor d'aquella que, desde a infancia, fôra sempre o alvo dos seus affectos. Um funesto acontecimento veio, porém, enlutar o coração da princeza, e presagiar maus dias a Portugal. Um horrendo ataque de hexas cefal, em 11 de setembro de 1788, a vida do joven príncipe, em que tantas esperanças depositavam os portuguezes. Em virtude d'este acontecimento, passou a ser herdeiro presumptivo da corôa o príncipe D. João, mais novo seis annos, de um caracter frouxo, sem instrução nem energia, e que, para desgraça d'estes reinos, havia de presidir aos destinos da nação em tempos tão calamitosos, e agitados por guerras externas e lutas intestinas.

Com o fatal acontecimento perdeu D. Maria Benedicta ao mesmo tempo o throno e o homem que amava desde que abriu os olhos. Se com o decorrer dos tempos diminuiu a pena e vehemencia da saudade, não esqueceu, contudo, a princeza, jámais tão sentida e inesperada perda.

Uma grandiosa concepção, que levou á execução apesar das vicissitudes dos tempos, lhe foi allivio e consolação na sua profunda dôr; referimo-nos á fundação do asylo dos invalidos em Runa.

Ainda então Portugal não tinha imitado a gloriosa fundação de Luiz XIV em França. Ainda n'estes reinos se não achavam regulados os socorros áquelles que no serviço da patria se houvessem inutilizado. Os pobres invalidos e mutilados, restos das passadas glorias, não tinham até então socorros dados pela nação. Só na caridade particular encontravam abrigo e protecção. Coube a Maria Benedicta a gloria de fundar em Portugal o monumental instituto, em que os invalidos militares encontram a protecção da caridade sob todas as formas.

Para realizar o seu benefico intento comprou Maria Benedicta uma grande quinta, denominada de Alcobaca, e varios predios, junto ao lugar de Runa, no termo de Torres Vedras, em um sitio de grande belleza, aonde as mais luxuriantes galas de formosas e opulentas paizagens encantam os olhos de quem passa n'estas regiões.

Foi no dia 18 de junho de 1792 que, sob a direcção do habil architecto José Maria da Costa e Silva, se deu começo á grandiosa fundação da princeza. É o edificio um quadrilatero regular de architectura toscana, com tres andares, tendo 99 metros de comprimento na frente, 61,6 metros em cada um dos lados, e 13,2 metros de altura na fachada. No centro tem uma sumptuosa capella forrada de bellos marmores de côres, oriundos da localidade, ornada com estatuas de marmore de Carrara. Longos e bem arejados corredores dão commoda serventia ás numerosas cellas de dois pavimentos. Na fachada principal estão os aposentos dos empregados, salas de recepção, secretaria, archivo, e mais dependencias do estabelecimento. Os aposentos da princeza ficavam na fachada opposta; n'elles se vêem varios desenhos e pinturas, obras das mãos da illustrada fundadora.

(Continúa.)

F. BENEVIDES.

MERINA

Rosto comprido, airosa, angelical, macia,
Por vezes, a allemã que eu sigo e que me agrada,
Mais alva que o luar de inverno que me esfria,
Nas ruas a que o gaz dá noites de ballada;

Sob os abafos bons que o norte escolheria,
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,
Recorda-me a elegancia, a graça, a galhardia
De uma ovelhinha branca, ingenua e delicada.

GESARIO VERDE.

BRIC-À-BRAC

Um colleccionador curioso vae abrir no OCCIDENTE uma secção de *bric-à-brac*.

Serão procurados e pagos pelo devido preço, sendo depois offerecidos á escolha do leitor intelligente e entendido na especialidade, toda a ordem de curiosidades mais imprevistas, desde a estrophe para adornar a memoria como um prato do Japão, até ao bom dito para trazer em ar de berloque como um esmalte de Limoges.

Bem entendido que nem só o que tiver o cunho das edades, attestado pelo pó dos seculos mais ou menos respeitavel — e falso, será admittido e exposto á admiração dos concorrentes. Aceita-se mesmo o que fôr moderno, com a condição de ter caracter. Depois não ha nada mais simples para uma cousa elegante e distincta do que envelhecer e fazer-se estimado por esta qualidade tão natural.

Em todo o caso:

Nem o necrologio moderno,
Nem as preces á Virgem pallida,
Nem o grito d'alma, *meu anjo*,

terão cotação e serão admittidos, senão tiverem feitiço accentuado que os torne proprios para collocar entre curiosidades chincezas.

De resto tudo; desde a receita para fazer crescer o cabello, até ao

elixir que ordinariamente o faz cair, servindo ao mesmo tempo para tornar o homem immortal e as camisas lustrosas.

O *bric-à-brac* vae pois estabelecer-se, e trata desde já de tomar de arrendamento uma columna d'alto a baixo.

GABRIEL

•Chegára a vespera da partida.

Gabriel ia dar o seu largo passeio annual pelo oceano.

Nunca lhe custou tanto.

Sentia precocemente a falta d'esse cochego affectuoso, a que se acostumára inconsciente, e que tanto lhe custava a deixar; sem contudo conhecer precisamente o motivo da sua hesitação.

Fernanda andava visivelmente triste.

N'essa noite, quando Gabriel chegou, ella perguntou-lhe:

— Então sempre parte amanhã?

— Infallivelmente. Está tudo a postos no meu palacio fluctuante: é só izar as velas.

— Sabe que lhe tenho inveja n'esta occasião? Como deve ser bom habitar no oceano, no infinito, como que perdida na immensidade das aguas.

— Quando se é bohemio como eu, respondeu Gabriel.

— Não, quando se possui um espirito superior, que encontra em si o sufficiente para esquecer os falsos brilhos das mundanidades galantes e se entregar absolutamente ás sãs commoções da natureza.

— Mas difficilmente, observou Gabriel, se encontra quem não deixe atraz de si um laço que o prenda, e que obrigue o coração a recuar.

— E o seu nunca sentiu d'esses impulsos retrospectivos?

— O meu, minha senhora... creio que nunca.

— Mas embora o seu coração se não sinta preso ao que fica, entre os affectos que deixa atraz de si, algum haverá de certo que o vá seguindo nas suas demoradas excursões.

— Talvez! respondeu Gabriel com um sorriso dolorosamente ironico.

Fernanda sentiu humedecerem-se-lhe os olhos de lagrimas. Gabriel ficou-a com uma expressão de ternura e de espanto.

Foi um raio de luz n'aquelle turbado espirito!

Pouco depois a sua natural desconfiança restabelecia-o d'essa commoção, tão extraordinaria na sua vida.

Quando estava para sair, Fernanda, chamando-o á parte, disse-lhe em voz baixa:

— Tenho uma coisa a pedir-lhe, já que se ausenta amanhã.

— A ordenar-me minha senhora.

— Umas lembranças da sua viagem.

— O que v. ex.^a quizer.

— Uma carta sua de cada porto em que desembarcar.

— Sim... pôde apenas responder Gabriel, imprimindo a este monosylabo a expressão d'um olhar cheio de gratidão.

No dia seguinte, pela madrugada, saia no seu hiate a barra de Lisboa.

III

Fernanda era um typo peninsular.

Os seus olhos arabes, brilhavam como duas estrellas negras, dando uma expressão de sagacidade e de ousadia ao rosto trigueiro.

O cabello era forte e abundante; o nariz recto, bem plantado entre as sobrancelhas fartas.

O corpo era esbelto, d'uma estatura poderosa; as mãos e os pés, contudo, relativamente pequenos.

Ordinariamente Fernanda usava chapéus de palha com abas largas, com uma grande pluma cubrindo a copa.

Era muito conhecida pela excentricidade do seu traje, que, no entanto, não caía no ridiculo da exaggeração.

Andava muitas vezes a cavallo. Governava a sua huacana com muita dislinção, como uma ingleza, e nos passeios pelos campos e pelas serras, gostava de experimentar frequentes vezes as commoções do perigo.

Era um espirito aventureiro, romanesco, sonhador.

Desde que Gabriel partiu, Fernanda, sentindo abandonal-a o seu natural bom humor, fugiu de tudo, e instalou-se na bibliotheca do pae. Dedicou-se especialmente á leitura das viagens; e seguia com a imaginação um itinerario curioso.

Este itinerario era traçado pelas cartas de Gabriel.

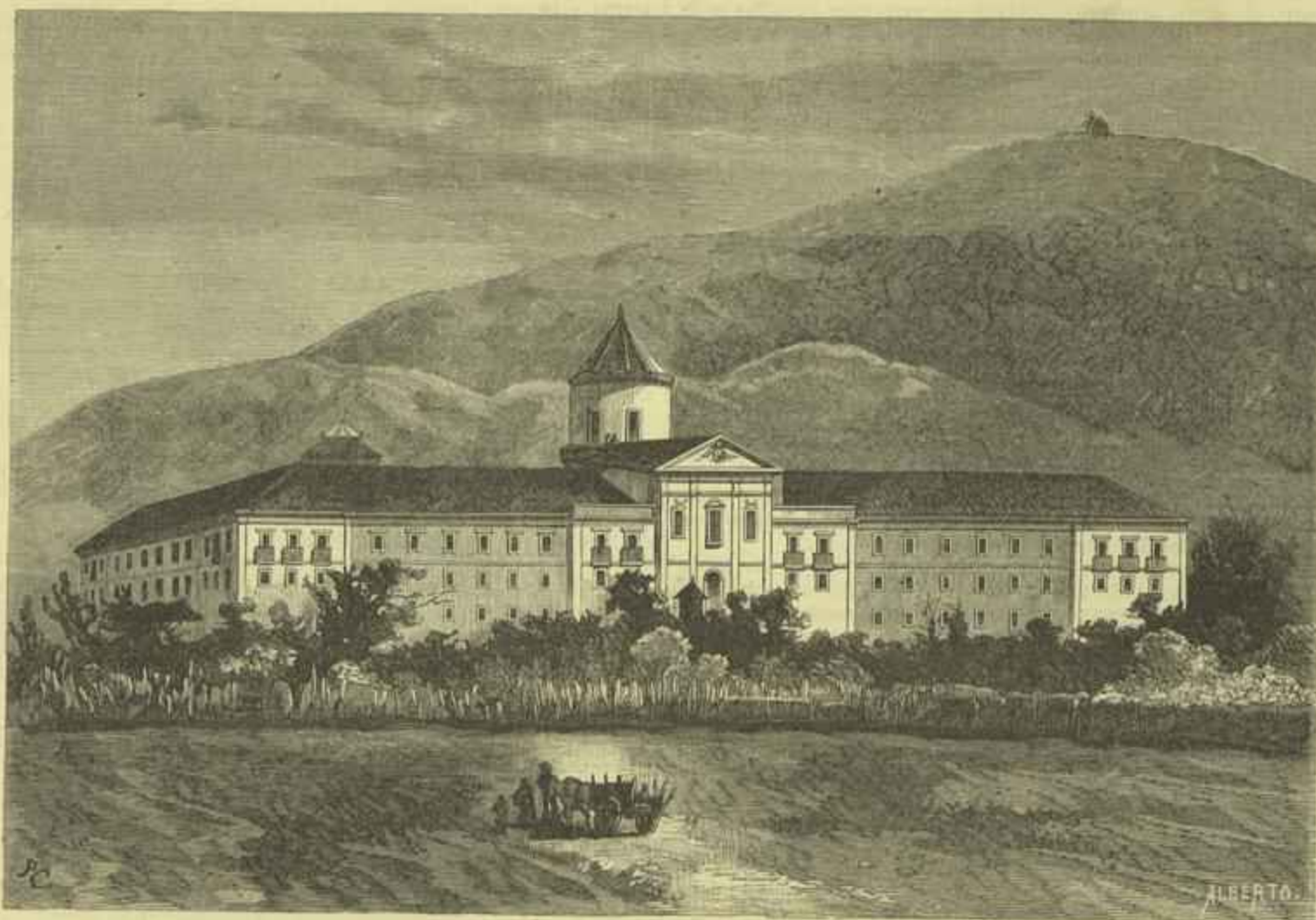
Os dias em que ellas chegavam, isto de longo em longo intervallo, eram dias de festa. Tudo parecia reanimado n'aquella casa, e havia um individuo que podia determinar precisamente os dias em que as cartas se recebiam: o livreiro.

Era infalivel n'essa occasião uma nova aquisição de livros.

Gabriel contava-lhe as suas impressões de viagem minuciosamente, com o escrúpulo d'un narrador consciencioso.

Fernanda gostava immenso de encontrar pontos de contacto entre as observações de Gabriel e as dos escriptores notaveis que consultava. Era um passatempo delicioso com que se entretinha dias inteiros.

Dizia ella uma vez a uma amiga da provincia, n'uma longa carta: «Elle tem immensa graça; ninguem, como elle, tem cores tão vivas, tão attrahentes para o desenho das paizagens, dos costumes, da



REAL ASYLO DOS INVALIDOS MILITARES EM RUNA (V. art. — A princeza D. Maria Francisca Benedicta)

diversidade infinita dos multiplos aspectos da natureza, nem mais verdadeiras notas para reproducção dos sentimentos.

«A sua linguagem tem fogo, tem enthusiasmo, tem «verve».

«É contudo um espirito sombrio, e eu sinto pelo estado d'aquella alma uma sympathia profunda.»

Uma outra vez dizia-lhe n'um bilhete:

«Venho conversar contigo porque me sinto só; peza-me esta solidão ruidosa da capital. — Fez-se em volta de mim um vacuo enorme.

«O que me falta? o que procuro? a que aspiro? Não sei!»

...

Por aqui veem os leitores como o coração de Fernanda se aproximava, a cada instante, de Gabriel, e como este, pelo seu lado, se sentia extremamente lisongeiado por aquelle affecto que finalmente conseguira inspirar.

E facil será crer que pouco tempo depois de Gabriel voltar a Lisboa, se realisava, com extrema alegria para ambos, o seu casamento com Fernanda.

IV

Chegou a criar invejas a felicidade d'aquelle par.

— Ella adora-o, observavam uns.

— Parece impossivel, era a resposta de muitos, que se não queriam deixar convencer de todo.

Contudo Gabriel, abandonando todos os seus antigos habitos de bohemio, entregara-se á honestidade do affecto que Fernanda lhe inspirava.

Sentia-se feliz e a sua alma dilatava-se, n'uma expansão de sincero bem estar.

Dois annos depois de casados Fernanda mostrou desejos de viajar. A *Garça* recebeu nova tripulação, adornou-se como um palacio que vae receber uns noivos, e saiu uma manhã, por um mar sereno, a barra de Lisboa.

...

Essa noite, as aguas continuavam tranquillias, no ceu azul ferrete, ardiam em cardumes os astros, como enxames de abelhas luminosas.

Fernanda estava incomodada, e com a cabeça encostada aos hombros de Gabriel, sentia apossar-se d'ella um torpôr que a ia adormentando.

Ouviu-se porém o preludio d'uma guitarra, e pouco depois uma voz sonora de barytono cantando uma *seguidilla*, no rythmo melodico, das musicas hespanholas.

Fernanda sentindo-se como que reanimada, ao escutar aquellas harmonias tão suaves, no silencio da noite, ao ruido surdo da quilha cortando as aguas; ergueu-se contente, com as pupillas dilatadas, como que interrogando Gabriel com o olhar.

— É o sevilhano, disse este.

— Tem uma bella voz, e canta admiravelmente.

— É da raça. Nenhum hespanhol *pur sang* faz a uma canção nacional a injuria de a estragar.

— Vamos lá acima um bocadinho, disse Fernanda, pedindo o braço a Gabriel.

E os dois subiram á tolda.

À proa os marinheiros, sentados em volta, prestavam religiosa attenção ao seu piloto o «sevilhano», que notando a presença dos dois esposos, fazia por dar uma primorosa exhibição aos seus dotes de artista.

(Concluz.)

CHRISTOVAM AYRES.

ENIGMA



*Explicação do enigma do n.º antecedente :

E sobre ella lançava o bom Sileno
 Todo risinho os mal abertos olhos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
 6, Rua do Tesouro Velho, 6